



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 39-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talaba* — Lisboa • Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

COMO APRECIAMOS O CONGRESSO DO PROFESSORADO PRIMÁRIO

O OPERÁRIO MANIFESTA-SE A FAVOR DA RÚSSIA

COMEÇA A CHEGAR À ADMINISTRAÇÃO DA "BATALHA" O PRODUTO DE VÁRIAS QUETES

Se ontem lamentamos que o incitamento pela *Batalha* feito, em 30 de Julho, à classe operária para que concorresse com o seu auxílio material a fim de atenuar as agruras da fome que algumas províncias da Rússia estão passando não tivesse surtido o efeito necessário, o mesmo não podemos dizer agora, porquanto o artigo ontem publicado sobre o mesmo assunto começou a produzir movimento de solidariedade desejado.

O auxílio prestado pelo proletariado português aos camaradas russos, é, ao mesmo tempo, perante os conservadores da nossa terra, a afirmação dos nossos princípios revolucionários!

E talvez mais importante o gesto da classe operária deste canto ocidental da Europa para com os proletários do Oriente, do que propriamente a quantia que cheguemos a apurar. Não que isto dizer que as nossas bolsas não se abram e que delas não tiremos tudo quanto possamos, no cumprimento dum dever sublime de solidariedade humana.

Só corações empedernidos, só cérebros obcecados pelas ideias mais reacionárias e odiosas, poderão impedir que os sofrimentos de grande número de pessoas sejam recebidos com indiferença. Primeiro do que tudo, acima até dos princípios que professamos, está o dever de auxiliar quem sofre, de evitar a seres humanos, como nós, padecimentos e amarguras.

Se o homem evita o sofrimento dos irracionais, porque não há de evitar o do seu semelhante?

Estamos convencidos de que este movimento ontem brilhantemente iniciado, atingirá em breve proporções grandiosas, que constituirão no nosso meio um notável significado moral.

Já ontem se recebeu na administração da *Batalha* a quantia de 132\$50, proveniente de várias quetes e contribuições individuais que passamos a discriminar e que esperamos ver, em breve, consideravelmente aumentadas:

Quete tirada entre o Pessoal do Arsenal do Exército	100\$00
Importância saída do cofre do Sindicato dos mesmos camaradas	20\$00
Quete da oficina de marcenaria da rua de S. Bernardo, 54	9\$00
Sebastião Eugénio	2\$50
José da Silva Oliveira	1\$00
A transportar	132\$50

Esta quantia é animadora. Ela dá-nos autoridade para exclamar:
— Operários, contribui com quanto podeses em auxílio do proletariado russo!

O "Diário de Lisboa" apura a verdade sobre o crime de Alpiarça

Ninguém se iluda: foram os passageiros do automóvel que mataram o tenente Fonseca

As suspeitas que a *Batalha* alimentava desde a ida do seu repórter a Alpiarça e a Santarém, onde a opinião pública é quase unânime em afirmar que o tiro que vitimou o tenente Fonseca partiu do automóvel, foram ontem confirmadas pelo *Diário de Lisboa* que declarou concretamente que "ninguém se iluda: foram os passageiros do automóvel que mataram o tenente Fonseca." Estas palavras escritas por aquele jornal regejam-nos. Elas indicam que a *Batalha* não se enganou, que as nossas suspeitas não eram errôneas.

Diz o mesmo jornal:
"Foi isto que o *Diário de Lisboa* conseguiu apurar. E deve ser esta a verdade, porque o mistério já se mostra claro como água."

De facto o mistério apresentava-se claro como água, faltava apenas alguém que tivesse a coragem de dizer a verdade. Felicitamos o *Diário de Lisboa* por essa coragem.

Mantenham-se o ódio burguês contra os rurais — e quem providência?

ALPIARÇA, 12. — (C.) — O camarada António José de Sousa, e não António Simões, continua ainda preso e num cárcere, imundo onde o conservaram cinco dias sem lhe fornecer comida.

Também esteve presa a sua companheira, mas já foi posta em liberdade. Aquele camarada está sendo vítima dum vingança patronal. Como era assistente de *A Batalha*, a *Comuna* e *O Despertar* e sabendo o seu patrão que o seu ideal não agradava à burguesia, arranjou meios de o desempregar da casa, servindo-se do outro criado para o meter na prisão como implicado na morte do malogrado tenente Fonseca.

Os ricos, os do automóvel, aqueles a quem o sr. Reis torna responsáveis pelo crime, só estiveram presos um dia e uma noite e ficaram em boas salas e bonas sofás, mas os rurais, que culpa alguma têm, foram presos para quatro dias sem luz e sem cama, e aí deles se não fôsse a guarda republicana e a polícia de Lisboa. O camarada António José de Sousa encontra-se num alcapão onde não pode estar senão apanhado. Quando se aplicará a justiça aos criminosos?

A BATALHA
não se publica às 2.ª feiras

O Congresso do Professorado Primário, há pouco realizado no Porto, não pode passar, como qualquer incidente banal, sem a nossa análise.

Alguns jornais conservadores, porque nessas grandes assembleias se produzem certas manifestações de simpatia à classe operária organizada, despeitados talvez por o professorado no Porto reúnido ter feito justiça à integridade moral da *Batalha* e à sua acção inspirada em ideais modernos, baseados na ansia de libertação das classes oprimidas, não quiseram ver senão o que de mau apareceu naquele Congresso, esquecendo-se propositalmente de mencionar — por conveniência das castas exploradoras que defendem — o significado de certas afirmações que revelam uma coragem moral que muitas classes estão longe de possuir.

A simpatia que nutrimos por todos os explorados, e, portanto, pelos professores primários, não nos cega, nem nos extingue o espírito de crítica, que nos leva a apreciar os factos mais importantes da vida com lealdade, imparcialidade e desassombro.

Temos as nossas opiniões, que sinceramente expomos, e, embora nos seja mais agradável saber que elas são bem acolhidas pelo público, temos a inteira moral suficiente para dizer, até aos nossos melhores amigos, o que de bom e de mau a seu respeito pensamos.

De virmos erro, combatemo-lo, pouco nos importando que ele venha de amigos ou de inimigos. Colocando a verdade acima dos nossos interesses, julgamo-nos no direito de o colocarmos acima dos interesses dos outros. E se esta forma de pensar não cria, por vezes, adversários inúmeros, o facto

é que a nossa consciência se sente liberta. E não há maior prazer na vida, para aqueles que têm o culto da verdade, do que não sentir na consciência o peso de condescendências aviltantes.

O Congresso do Professorado Primário revela um grande trabalho da parte dos seus organizadores. E o trabalho alheio merece ser respeitado. A crítica que sobre ele incide, desde que seja sincera e honesta, não o amesquinha. A crítica só é sempre necessária. Ai da humanidade se a crítica constante não a fizesse evolucionar.

Não é num simples artigo, como este, que essa crítica se pode fazer com a precisão e a clareza necessárias. Entretanto alguma cousa e pode dizer, pelo menos o mais importante.

Começaremos por declarar, sem intenção de ofender seja quem for, que os trabalhos do Congresso do Professorado Primário foram mal conduzidos, por parte dos delegados. Perdeu-se um tempo precioso em discussões estérteis. Nós sabemos muito bem que em todos os congressos se dão casos idênticos. Simplesmente, no congresso dos professores, este caso atingiu proporções desoladoras. Houve assuntos que foram discutidos duas vezes. A constante agitação dos vários delegados, estabelecendo certo confusãoismo na ordem dos trabalhos, não permitiu que estes fossem devidamente apreciados. Motivo porque, no respeitante ao aperfeiçoamento do ensino e melhoramento das condições de vida do professorado e da escola, não houve uma resolução bem pensada que tivesse viabilidade de entrar no campo das realizações.

Do Congresso não saiu um único trabalho prático e grande. Os congressos só se convocam para

isso. Portanto o resultado daqueles três dias de discussão, sob o ponto de vista de realizações práticas, foi nulo ou quase nulo.

Mas se pelo lado prático não valeu nada, pelo lado moral mereceu os elogios de todos aqueles que pretendem avançar. No Congresso do Porto houve afirmações arrojadas, exposições de certos princípios que, até hoje, em nenhum congresso desta classe se verificou. Foi, sem dúvida, por uma boa parte dos delegados ter agitado certas opiniões, ter apresentado um critério moderno e renovador, que as sessões decorreram agitadas.

O professorado primário está num período caótico de transformação de ideias. E esse período não pode ser criado. Apenas nos dá uma grande esperança no futuro. Enquanto essas ideias novas não se firmarem, não adquirirão uma certa estabilidade entre a classe, não se pode exigir dela realizações grandiosas. Deixemos passar esta época de preparação moral, de modernização de ideias, e então as realizações aparecerão.

Houve um delegado que, tendo compreendido melhor o papel da organização de classes, que tem por objectivo a libertação económica para criar um ambiente favorável à emancipação moral — afirmou que o professorado primário, organizado sindicalmente, não deve imiscuir-se em lutas políticas.

Temos a certeza de que grande número de delegados ainda não compreendeu este pensamento, que a ser realizado já não desviaria muitos professores da luta pela emancipação do trabalho para se imiscuir na luta política, que serve apenas para inutilizar energias e desviá-las do seu verdadeiro campo de acção.

Outra afirmação de princípios simpática foi a que o Congresso fez perante o ensino religioso. Ve-se que o professorado já vai compreendendo que o ensino deve estar à parte de toda e qualquer ideia política ou religiosa, que deve ser neutro, enfim. O professor não tem o direito de moldar o cérebro dos educandos a qualquer credo político ou religioso. O professor deve limitar-se a instruir o aluno, a dar-lhe o maior número de cabedais científicos de forma a criar em cada indivíduo um alto espírito de crítica e de imparcialidade. O aluno que escolha livremente o seu credo. Dizer a um aluno que o homem deve ser bom, justo e amante da verdade, é uma obrigação. Porém, dizer a uma criança que a verdade está na religião católica ou no partido democrático é um crime.

No entanto muitos professores há que, concordando, em princípio, com a neutralidade do ensino, convidam, para assistir a festas escolares, o presidente da república ou qualquer ministro, que são recebidos com cumprimentos rasgados, com a *Portuguesa*, com vivas à república e outras palavras e actos que levam as crianças a acreditar que o presidente da república é um super-homem e que os homens do Estado estão fora de toda a crítica.

A condenação das bebidas alcoólicas, dos espetáculos desmoralizadores, dos livros de aventuras policiais, etc., é uma glória para o Congresso.

Foi de preparação moral, repetimos, o Congresso que se realizou no Porto. E se realizações práticas dali não saíram, não foi por outros motivos senão pelos acima expostos.

Esperamos que os futuros Congressos precisarem, porão em prática as aspirações e ideais que neste afloraram.

O desastre do depósito dos Barbadinhos

Foi a Companhia das Águas a única responsável

porque tem por completo abandonado a conservação da canalização e de todo o material

Com estes títulos encabeçava ontem *O Século* da noite uma entrevista com o vereador sr. Braga de Carvalho que acerca do desastre ocorrido no depósito dos Barbadinhos, que causou a morte a um operário e deixou feridos, embora ligeiramente, mais três, declarou o seguinte: — A responsável pelo desastre dos Barbadinhos é unicamente a Companhia com a sua desleixada administração e a prova é a declaração do engenheiro sr. Herculanio Galhardo, *leader* democrático no Senado e correligionário daqueles que na Câmara Municipal aprovaram as escandalosas bases do novo contrato de água à ordem do seu *leader* o sr. Rodrigues Simões.

"O meu colega e amigo Alberto Tota provou à sociedade, com uma larga documentação e com o testemunho insuspeito de técnicos, que a Companhia tem por completo abandonado a conservação da canalização e de todo o material e a conservação está no recente desastre que vitimou um operário e deixou em perigo de vida mais três. Por outro lado, o sr. Galhardo, com a sua competência de engenheiro, declara que já em 1917 encontrou deficiente aquela instalação e que há muito tempo previa o desastre agora sucedido."

A Companhia das Águas, que tem já as suas costas a responsabilidade da morte de duzentas e tantas pessoas em virtude de águas inquinadas que em 1912 forneceram ao consumo, tem agora a responsabilidade de mais esse crime. Por crimes incomparavelmente mais numerosos menos importantes que os dos directores da Companhia, sofrem em Africa as penas de degraço pela vida inteira centenas de criaturas.

U. S. O. Comissão Administrativa

Reuniu antontem em sessão extraordinária com a maioria dos seus membros, tendo apreciado o seguinte expediente:

Ofício do Sindicato dos Manipuladores de Borracha, que se resolveu baixasse ao Conselho; Ofício da Sociedade Protetora dos Animais que foi tomada na devida consideração; Ofício da secção de Palma do S. U. Construção Civil, em que convidava a União a fazer-se representar na sessão solene do encerramento do ano letivo da sua escola, que hoje se realiza. Foi nomeado Carlos Henrique da Fonseca, Ofício do S. U. Construção Civil que ficou para 2.ª leitura.

A comissão administrativa ocupou-se ainda dos assuntos em transito e muito especialmente da questão da falta de água, tendo apreciado parte do seu relatório sobre o mesmo assunto, resolvendo reabrir novamente na próxima reunião, pelas 14 horas, sendo portanto necessária a comparencia de todos os seus membros, em virtude da importância dos assuntos a tratar.

Visita de estudo

E' hoje que se realiza a visita de estudo à fábrica de tijolo do Parque Eduardo VII, promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa. O ponto de reunião é a entrada do Parque, pelas 14 horas. Pede-se a comparencia dos sócios assim como do operariado e suas famílias.

A atitude do Conselho Confederal perante os seus detractores

Foi de espanto a sensação causada entre o operariado pelos documentos que, acompanhando o relatório do Comité Confederal sobre as acusações feitas em E'vora por Joaquim Cardoso, à C. G. T. e a *A Batalha*.

O operariado, o grande juiz, pôde, por esses documentos, julgar a razão que ao Comité Confederal assistiu em levar a questão para o Conselho para que este se pronunciasse e decidisse sobre o procedimento a tomar para com um elemento que, esquecendo lamentavelmente o seu passado de indiscutível dedicação pela organização sindical e esquecendo as suas responsabilidades dentro dessa organização pelos cargos de confiança que ocupava de editor de *A Batalha* e de secretário geral da Federação da Construção Civil, usa de tais meios para combater a organização de que faz parte e os seus militantes.

E, pelo que ouvimos, o acto de tolerância do Conselho Confederal, permitindo que Joaquim Cardoso usasse da palavra para repetir as suas acusações gratuitas, não foi compreendido por uma grande parte do operariado.

E' certo que Joaquim Cardoso nenhum direito tinha a defender-se, visto que a única acusação que lhe é imputada é a de ter escrito e dito o que se contém no seu ofício à U. S. O. de E'vora e a sessão naquela cidade realizada a seu pedido. E que, ele disse e escreveu o que desses documentos consta, é irrefutável, nenhuma espécie de dúvida pode existir. Joaquim Cardoso é, portanto, o acusador. De que, pois, tinha ele que defender-se?

Conceder-lhe o direito da defesa seria supô-lo réu. E Joaquim Cardoso é o acusador.

Por ventura de outra coisa é ele acusado além de ter dirigido à organização e aos militantes os insultos, as calúnias e as insinuações que constam desses documentos?

O Conselho Confederal não precisava nem tinha, com efeito, por obrigação ouvir Joaquim Cardoso. Mas resolveu ouvi-lo e escutá-lo ou, melhor, resolveu que ele fosse ouvido, que toda a gente o escutasse. Assim é que está certo.

Não foi para que Joaquim Cardoso se defendesse, por que ele é quem acusa. Tam pouco foi para que ele provasse as acusações que insinua, pois o Conselho sabe bem que Cardoso já mais poderá concretizá-las.

O Conselho Confederal concedeu a palavra a

Joaquim Cardoso para que todos tomassem conhecimento da espécie de acusações que ele não se cansa de insinuar, para que a ninguém, camaradas e adversários, pudesse restar a mais leve sombra de dúvida, a mais tênue suspeita sequer, de que o Conselho, não permitindo que Cardoso usasse da palavra, por ventura se arreceava de que Cardoso justificasse com factos as suas acusações.

Mas, objectar-nos-hão, porque se deliberou que a discussão prosseguisse em sessão privada?

A essa objecção responderemos: primeiro, que foi de Vitor Martins, que tem tomado sempre uma ostensiva defesa da atitude de Cardoso, que partiu o requerimento para que a sessão próxima fosse secreta; segundo, que tal resolução não foi tomada por unanimidade pelo Conselho pois muitos dos seus membros com ela discordam.

Mas os que aprovaram que Cardoso fizesse, em sessão reservada, as importantes afirmações anunciadas por Vitor Martins, não pretendiam, com o seu voto, evitar que públicas se tornassem as acusações fundamentadas e concretas que, por hipótese, Cardoso conseguisse formular, mas para evitar tam sómente que qualquer suspeita infundamentada de Cardoso, quaisquer acusações gratuitas viesse a pôr em dúvida o carácter de qualquer militante digno da consideração de todos, tendo em vista aquele verdadeiro conceito de um ilustre escritor: *a calúnia é como o carvão; quando não queima, suja*.

O Conselho Confederal, repetimos, não se arreceia das importantes afirmações que Joaquim Cardoso tem a fazer. Tem a sua consciência absolutamente tranquila para que tema que contra a sua sinceridade, contra a sua honestidade, contra a pureza das suas mãos algum facto lhe seja apontado. Mas admitindo, por hipótese, — pois só no campo da hipótese se pode admitir — que Cardoso formulasse contra qualquer dos seus membros uma acusação grave e verdadeira, a ninguém restaria dúvida que essa acusação seria tornada bem pública e ao acusado seriam tomadas as responsabilidades dos seus actos.

Na organização operária não há caixas encoiradas, e o carácter dos delegados das Federações, das Unões e dos Sindicatos Nacionais à C. G. T. é garantia bastante para que nem admitir se possa a cumplicidade colectiva do Conselho Confederal no procedimento pouco digno ou menos honesto de qualquer um dos seus membros.

Ordem pública

O julgamento do sr. Liberato Pinto

Realizando-se na terça-feira o julgamento do tenente-coronel sr. Liberato Pinto e correndo com insistência que elementos affectos ao antigo chefe do Estado Maior da Guarda Nacional Republicana preparam uma alteração de ordem pública para evitar que tal julgamento se faça, o conselho de ministros reuniu ontem com a assistência dos generais comandantes da 3.ª divisão e da Guarda Nacional Republicana para tratar do assunto.

Terminado o conselho, os ministros seguiram para Belém, onde reúniram sob a presidência do Chefe do Estado.

A NOVELA VERMELHA

é uma colecção de obras literárias, pequenas, de linguagem simples e de intuitos elevados, que os trabalhadores manuais e intelectuais devem ler e divulgar.

INTELECTUAIS, LÊDE

A NOVELA VERMELHA

Empregados no comércio

Realiza-se em Setembro, em Viseu, o seu VII Congresso

Realiza-se no próximo mês de Setembro, na cidade de Viseu, o VII congresso desta classe, para o qual estão inscritos bastantes delegados, sendo alguns directos e esperando-se que ele seja imensamente concorrido. Vários delegados tem já iniciados trabalhos a apresentar nessa parada de forças.

O organismo dos caixeiros de Lisboa acaba de, em assembleia geral, nomear os camaradas Manuel Maria de Sousa e Eduardo Relvas, que tratarão de diversas realidades a conquistar para os empregados no comércio, sendo de prever que do congresso sairão trabalhos profícuos e de utilidade para esta classe, tam perseguida e escravizada.

TRABALHADORES, LÊDE

A NOVELA VERMELHA

Dos nossos camaradas de Cuba

Uma saudação a todos os que trabalham pela emancipação do proletariado

Do Centro Operário de Habana (Cuba) recebemos a seguinte saudação:

"O Comité conjunto das colectividades que constituem este Centro, em nome dos seus representantes e no seu próprio nome, saudamos fraternalmente os organizadores irmãos do interior e do exterior da República, augurando-lhes a imediata realização das suas aspirações. Igualmente sauda a imprensa operária em geral e quantos, individual ou colectivamente, no jornal, na tribuna, no panfleto ou no livro, trabalham, educando, pela elevação dignificadora do proletariado. Fraternalmente se subcreve — O Comité."

Incêndio a bordo

Entrou ontem no Tejo o vapor alemão "Fehmarn", procedente de S. Rafael e Oran, com carga diversa. O navio, que desloca 860 toneladas, destinava-se a Hamburgo, tendo arribado ao nosso porto por trazer fogo em duas porções. Foi para a Cova da Piedade, onde começaram imediatamente os trabalhos para a extinção do incêndio.

Os jovens sindicatistas de Tomar

repelem o convite que lhes foi feito de aderirem às Juventudes Comunistas

TOMAR, 11. — (C.) — Em assembleia geral reuniu ontem o Núcleo Juventude Sindicalista desta cidade, para apreciação de assuntos pendentes da última assembleia.

Como, porém, na sala estivessem dois delegados da Junta Geral do Partido Comunista, os camaradas José de Sousa e Armando dos Santos, os quais desejavam fazer uso da palavra, folheou concedido, falando em primeiro lugar José de Sousa.

Começa este camarada por historiar o que é a luta e movimento operário, tirando da sua exposição a ilacção de que para acompanhar o movimento estrangeiro que se torna indispensável a organização em Portugal de um partido, o qual possa amanhã, com probabilidade de êxito, fazer a revolução.

Essa lacuna — diz — está preenchida com a recente constituição do Partido Comunista Português. Refere-se à nota do Comité Confederal, censurando asperamente os puritanos e termina, constantemente interrompido por apertes, por apresentar uma moção, cujas conclusões eram dar o Núcleo a sua adesão às Juventudes Comunistas.

João Ferreira, lamenta que o camarada José de Sousa se tivesse demorado tanto em insinuações aos elementos operários que com ele não concordam, e não querendo roubar muito tempo à assembleia, termina apresentando uma moção que mais tarde foi aprovada.

Carvalho diz que as juventudes se devem conservar alheadas a todos os partidos políticos, lamentando que se tivesse dado a scisão. Bruno fala no mesmo sentido, e José Gomes repele todo o contacto com qualquer partido político.

Depois de certa discussão, é posta à aprovação a moção de José de Sousa, sendo rejeitada, aprovando a assembleia a de Ferreira.

A moção aprovada é concebida nos seguintes termos:

Considerando que as juventudes sindicatistas foram criadas muito embora sob os princípios ideológicos, tendo por principal objectivo a preparação de elementos operários que possam com consciência lutar nas associações operárias, vindo assim preencher uma lacuna que há muito se vem notando nos vários sindicatos e movimentos operários da província;

Considerando ainda que esta tática tem dado optimos resultados, porquanto a acção benéfica exercida pelos jovens dentro dos seus sindicatos tem robustecido a organização operária de algumas terras do país e muito especialmente da cidade do Porto; e considerando finalmente que as juventudes são completamente indiferentes aos actuais partidos políticos, ou ainda quaisquer outros que porventura se venham organizar ainda que com rúdos muito seductores;

O Núcleo Juventude Sindicalista de Tomar, reunido em assembleia geral no dia 10 de Agosto de 1921, resolveu não se imiscuir em discussão alguma politica, dar o seu incondicional apoio à Federação das Juventudes Sindicalistas pela sua conduta, dando desde já a mesma a sua adesão.

NA RUA DO SÉCULO

Explosão de uma bomba

Quatro pessoas feridas

Na rua do Século, junto a uma carpintaria que fica em frente à rua do Arco de Jesus, rebentou ontem à noite uma bomba ferindo quatro pessoas que foram pensadas no posto da Misericórdia. Duas delas recolheram a casa e as outras duas que ficaram com a perna direita fracturada, foram conduzidas para o hospital de S. José.

Chamam-se estas Carlos de Oliveira, de 23 anos, serralleiro, morador na rua do Meio à Lapa, 18, loja, e Jorge Augusto Teixeira Alves, de 16 anos, sapateiro, morador na rua de S. Bonaventura, 101, 1.º.

A falta de água

o ministro do comércio resolve providenciar

O novo ministro do Comércio conferenciou antontem com o sr. Carlos Pereira, director gerente da Companhia das Águas, e com o commissário do governo da mesma Companhia sobre a questão do abastecimento de água na cidade de Lisboa, resultando dessa conferência ficar o dr. sr. Fernandes Costa na disposição de apresentar em breve ao parlamento um projecto de lei tendente a assegurar de vez esse abastecimento.

Talvez em virtude da resolução tomada pelo ministro de providenciar notou-se ontem na cidade maior falta de água do que aquela que se vem fazendo sentir há dias.

Em alguns bairros a polícia incendeiou que se abrissem as bocas de incêndio para o abastecimento da população, sendo enorme a concorrência tanto junto dessas bocas de incêndio como aos chafarizes da Câmara.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Um agradecimento a "A Batalha"

Recebemos o seguinte offício:
"Cumpre-me participar a V. que, n' reunião dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, realizada no passado dia 7, foi exarado na acta um voto de agradecimento à imprensa. Peço licença para especializar o vosso jornal pela forma generosa e calvinista como sempre se tem interessado pelo dito Museu."

Apresentando-lhe as minhas mais cordiais saudações, subscrevo-me, etc., *Jaqueta Ferrão Júnior*.

As Criadas

As que teem livrete roubam e as que não teem são roubadas

Maria da Conceição Neves estava servindo em casa de A. C. Vidal, dono duma agência funerária, na rua Direita de Campo de Ourique, 25.

Como é hábito velho de muitos patrões, o sr. Vidal quiz abusar da sua criada, até a abandonar a casa. Agora o sr. Vidal dos funerais recusase a entregar a Maria da Conceição a roupa que esta deixou ficar em casa dele. Alega o sr. Vidal que a Maria lhe fez desaparecer um machado.

O *Século* da noite contava mais este caso comprovativo da inutilidade do livrete que o sr. Lelo se obstina a imprimir às serviaes:

"Cá está o livrete, em circunstâncias bem dignificantes da intelligência dos homens e dos emolumentos do governo civil."

"Numa casa de Lisboa, cujas serviaes pertencem ao número das que se foram inscrever — parece mesmo que a gosto dos patrões — sucedeu há dias o seguinte, que vamos narar sucintamente, mas a que voltaremos com mais pormenores, embora com as precauções necessárias para não devarar a vida íntima das pessoas."

"Nessa casa, famos dizendo, havia duas criadas de livrete. Sabe o leitor o que sucedeu? Succedeu que as duas, certamente de combinação, foram-se às gavetas que encontraram abertas e raparam tudo que lá havia de mais significante para as casas de penhores. Mas não parou por aí. Levaram a dignidade até ao ponto de deixarem os livretes em cima dos seus banis privados, cujos também ficaram para lembrança."

"Não se diga então que os livretes não servem para nada. Ai estão esses dois, com que os patrões poderão ir atrás do que lhes falta, e assoberbar-las boas."

As festas de Nun'Alvares

Promovidas pela respectiva Cruzada iniciaram-se ontem com formidável ruído

«Ouviram os leitores aquelas detonações que durante o dia e parte da noite lhes martirizaram os ouvidos? Eram morteiros. Sabem os leitores quem lançava esses morteiros? A Cruzada Nun'Alvares Pereira. E para que se fez tanto barulho? Para comemorar a data da batalha de Aljubarrota. Qual é a intenção da Cruzada, ao comemorar, com tanto ruído alegre, uma data que foi de luto para milhares de mães, esposas e namoradas? Provocar o resurgimento da raça. E como se consegue o resurgimento da raça? Dando um bocado aos pobres, à laia de caldo de convento. O que é um bocado? É a concepção burguesa da justiça social; é substituir o princípio dignificante da igualdade económica, que nós defendemos, pela sentimentalidade lamecha da caridade, que humilha a quem beneficia, e corrompe quem a dá, porque julga fazer um favor.

«Quantos pobres receberam o bocado de 2500 que a Cruzada deu? Foram mil. Seriam todos pobres de verdade? Não se sabe. Onde se realizou essa cerimónia? Nas ruas que servem de residência à Associação dos Arquêologos, ali ao Carmo. E que entidades se encontravam presentes na ocasião do bocado? A comissão executiva dos festejos, Ordem Terceira do Carmo, Federação Académica, e outras. Seriam umas 15 horas.

Houve música? Pudera, compreende-se lá uma festa dessas sem música. E quem tocou? A banda do batalhão n.º 2 da guarda republicana. Que espécie de música tocou a banda? Beethoven, Wagner, Mozart? Nada disso. Tocou um *passepaille*, acompanhado pelos discursos dos srs. Rodrigues Migueis, do Núcleo de Ressurgimento Nacional, e dr. Eduardo de Sousa, da Cruzada.

Que houve à noite para provocar o resurgimento da raça?

Que houve? Música no largo do Carmo, na Avenida e na Praça dos Restauradores. Já como está o açúcar? Subiu escandalosamente de dez para quinze tostões.

Mas a música não é uma coisa doce?

E, mas não serve para temperar o café?

E além disso?... Morteiros e foguetes que nunca mais acabavam.

Finalmente que é que se festeja, o Santo Nun'Alvares ou guerreiro? Não sabemos.

«Se for o Santo, concorda com a festa, leitor? E se for o guerreiro? O povo quando se mete com os santos ou com os guerreiros fica sempre de mau partido.

De que dependerá hoje o resurgimento da raça?

De factores vários. Que teremos então?

A's 6 horas, alvorada solene em todos os quartéis do país, com izar da bandeira, salva de morteiros no largo do Carmo; às 11,20, missa campal nas ruas do Carmo, sendo celebrante o cônego Aniquim, com assistência do sr. cardinal patriarca, orando o bispo de Beja às 12, salvas em terra e no Campo de Entrincheirado; às 14, sessão solene na Sociedade de Geografia, presidindo o sr. António José de Almeida, anti-clerical, que gritou contra os bispos, cônegos, etc., e assistindo o corpo diplomático, governo, autoridades civis e militares; às 18, parada geral das forças de terra e mar, passando revista às tropas na varanda do Teatro Nacional

presidente da república, que se fará acompanhar pelo governo, corpo diplomático e autoridades civis e militares; às 21, concertos musicais na Praça dos Restauradores, na Avenida e no largo do Carmo. Em todos os quartéis do continente serão feitas allocuções patrióticas às tropas.

Então o sr. António José de Almeida também se mete nessas coisas? E então?

Que tem isso? Ora, ora... Não se riem!

E o presidente também vai à missa? Não, porque é a hora do almoço... Mas não é isso? É a hora do almoço.

Sim... mas é o que para ver a Estrela... ou as estrelas...

E que mais temos além disso? Além disso temos... um feriado amanhã para o funcionalismo público descansar das grandes fadigas de nada fazer.

E depois?

Depois a raça resurgirá dos ossos do Nun'Alvares, que estão durante estes dias em exposição numa urna, lá em cima no Carmo, a qual urna está ornamentada com flores naturais, vasos com plantas e arbustos... uma lindeza...

Aprensão de cortiça

Um protesto da Associação dos Corticeiros de Lisboa

A Associação dos Corticeiros de Lisboa enviou-nos a seguinte nota oficiosa:

A direcção deste Sindicato vem, por intermédio de A Batalha protestar contra a forma insultuosa como o representante da secção de cortiças da Associação L. Portuguesa, sr. M. Rosa Donato, interveio na aprensão de 60 fardos de cortiça, sem ser fiscalizada, à firma Parda Limitada, com depósito em Cabo Ruivo.

Aquele senhor dirigiu-se ao fiscal operário em termos incorrectos, dirigindo-lhe insultos próprios de criatura mal educada, insultos estes que atingiram o arrojado de chamar «bandidos e canibais» não só aos fiscais como ao representante deste Sindicato. Pena foi que este camarada não ouvisse tais insultos, pois que os devolveria à procedência.

Este Sindicato previne todos os congéneres da província que exerçam a fiscalização com mais energia, pois que este Sindicato, de acordo com os fiscais operários, não está disposto a que sejam cortiças enfiadas sem serem devidamente fiscalizadas.

A nota da C. G. T.

Sindicato Unico Metalúrgico

Com o respectivo sócio em branco, o Sindicato Unico Metalúrgico das comunicações sobre a assembleia geral na sexta-feira realizada, tendo vindo a publicar no numero passado, devido à falta de espaço e a outras causas, como já dissemos, que as duas comunicações se completam, inserimo-las hoje por ordem de entrada.

Como noticiámos, efectuou-se a assembleia geral deste sindicato para, entre outros assuntos de interesse económico da classe, discutir a nota da C. G. T. a propósito do Partido Comunista Português.

Apreciado o expediente, do qual constava um officio da Associação do pessoal do Arsenal do Exército e da U. S. O., que foram tomados em consideração, a assembleia, que se encontrava extraordinariamente concorrida, entrou na primeira parte da ordem de trabalhos, que era a discussão da nota da C. G. T.

Usaram da palavra vários camaradas, uns absolutamente de acordo com ela, outros de acordo em princípio apenas, com a mesma discordando na classificação de videirinhos dada aos membros do Partido Comunista que, ao mesmo tempo, são sinceros militantes da organização sindical. Devido ao adiantado da hora, o camarada Pratas de Sousa, apresenta um requerimento, dando a matéria por discutida com prejuízo dos oradores inscritos, o qual levantou bastante exaltação na assembleia por coartar a discussão do assunto, dando lugar a que fosse apresentada pelo camarada José M. Esteves uma questão prévia para que o assunto continuasse em discussão e que por consequência todos os camaradas que quizessem fizessem uso da palavra, prorrogando-se a assembleia por quantos dias fossem precisos para ficar bem discutido o assunto. Esta questão prévia foi aprovada por 45 votos contra 14 rejeições. Em seguida, devido ao adiantado da hora, foi encerrada a sessão, sendo por proposta do camarada J. Sousa marcada a continuação para a próxima terça-feira.

Como já há dias vinha sendo anunciada, realizou-se na sede deste Sindicato a assembleia geral em que entre outros assuntos importantes e de interesse para a classe, se fez a apreciação da nota do Comité Confederal em resposta ao manifesto do Partido Comunista.

Com uma concorrência desusada, affluíram a esta assembleia inúmeros camaradas metalúrgicos, sindicados, os quais, antes do começo da reunião, se manifestavam em grande maioria, favoráveis à doutrina da nota, continuando essa atitude durante a assembleia e quando esse número da ordem de trabalhos foi presente à apreciação dos mesmos camaradas.

O primeiro camarada a fazer uso da palavra sobre o assunto foi Júlio de Matos, que originou um certo desagrado na maioria da assembleia que se manifestou entusiasticamente pela organização sindicalista, continuando depois a assembleia na apreciação de uma proposta do camarada Joaquim da Silva, para que a mesma assembleia aprovasse ou rejeitasse a nota do Comité Confederal, pois o proponente julgava já suficiente o tempo decorrido desde a publicação da referida nota para habilitar todos os camaradas a resolverem-se pela sua aprovação ou rejeição, mas, como o entusiasmo e calor que alguns camaradas tomaram pelo assunto, demonstrasse a necessidade de uma ampla discussão e como se encontrassem inscritos muitos camaradas para fazerem uso da palavra, foi em certa altura aprovada uma questão prévia de José Maria Esteves dando latitude à discussão.

Fizeram uso da palavra, mostrando-se concordes com a nota, os camaradas Manuel de Sousa, Abel Jacinto Pereira, José Maria Esteves, Joaquim de Sousa, Manuel da Rocha, Artur Cardoso, José Luis Gomes, José de Sousa e outros, suspendendo-se a assembleia às 6 horas para continuar na próxima terça-feira, com a continuação da mesma ordem de trabalhos, tornando-se escusado recomendar a todos os camaradas metalúrgicos sindicados a necessidade da sua participação, pois que, a exemplo dos demais organismos sindicais, o Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas de Lisboa tem que definir a sua atitude perante a nota do Comité Confederal, baseada na orientação dos princípios estabelecidos nos últimos Congressos Nacionais Operários. Assim, continuando pois na terça-feira a apreciação da referida nota, lembra-se também a todos os camaradas sindicados que há ainda para apreciar e resolver na ordem de trabalhos os seguintes e importantes assuntos:

Nomeação de dois delegados à Federação; nomeação da Comissão de Melhoramentos e de classes vagos; resolver a atitude que a classe deve tomar sobre o caso das reparações dos barcos de guerra; apreciar e resolver sobre assuntos que se prendem com o desenvolvimento e o fortalecimento da organização sindical.

Todos os camaradas sindicados na sede central e nas respectivas secções devem assistir às reuniões, até que se resolvam todos os importantes assuntos submetidos ao seu voto, mostrando assim a consciência e amor à organização sindicalista.

Empregados de Escritório de Lisboa

Em reunião da direcção, efectuada ontem, foi resolvido, por unanimidade, aprovar a nota oficiosa da C. G. T., sem restrições.

Não se tinha ainda pronunciado este Sindicato sobre semelhante assunto por se encontrarem ausentes alguns membros da direcção.

A NAVALHA

No banco do hospital de S. José deu ontem entrada Domingos Marques Fernandes, de 31 anos, natural da Caliz e residente na rua dos Douradores, 149, 1.º, que, no Poço do Borratém, foi agredido por um desconhecido que lhe vibrou uma facada na perna esquerda.

A COMUNA

Seminário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol. 131 - PORTO

Classes Gráficas

Continua o movimento no mesmo pé. Os camaradas gráficos tem assim sabido manter uma linha de conduta que os tem nobilitado aos olhos de nós todos.

Segundo a nota officiosa que abaixo publicamos, parece que os camaradas gráficos ocorreram ao apelo das direcções, contribuindo com um escudo para auxilio aos grevistas.

E' desta maneira que as classes se impõem e por esse facto felicitamos os camaradas que tam bem souberam cumprir o seu dever.

Convocações

Convidam-se os camaradas grevistas a comparecer hoje, sem falta, na sede social provisória, às 14 horas, sendo indispensável a comparencia de todos, e da mesma forma se convidam a inscrever-se para o subsidio, amanhã, das 10 a 12 e das 15 a 17.

A todas as Associações e camaradas que possam listas, pedem estas direcções o favor de as entregar hoje e amanhã na nossa sede provisória, das 14 a 15 horas. E os camaradas, firmes como até agora! Avante!

Viva a solidariedade trabalhadora! As Direcções das Associações dos Impressores e Compositores Tipográficos.

Na taberna

Mais uma vez o alcool dá origem a um crime por motivos fúteis

Na freguesia de S. Mamede da Roíça, concelho de Obidos, reside, com sua mulher Maria da Conceição e três filhos, Bernardo Ribeiro, de 23 anos, solteiro, pedreiro; João Ribeiro, de 17 anos, trabalhador e Adelina da Conceição, de 24 anos, casada com Bernardo Carlos, também trabalhador, o pedreiro Joaquim Ribeiro, o qual, tendo estado uma temporada, conjuntamente com seus dois filhos, a trabalhar na construção de uma casa no lugar da Columbeira, tinha há dias regressado a S. Mamede da Roíça, vista ter concluido o trabalho, e empregou-se com os filhos numa propriedade do sítio.

Anteontem, findo o trabalho, dirigiram-se os dois irmãos para uma taberna da localidade, pertencente a Nazaré Soares, onde, depois de tomarem uns copos de vinho, se demoraram a palestrar com um criado da taberna, de nome José Carlos, de 27 anos, conservando-se todos na melhor das harmonias até cerca da meia noite.

Os cérebros, já um pouco transtornados pelo alcool, fizeram com que o João Ribeiro, que tem trabalhado várias vezes como moleiro num moinho do seu cunhado, começasse a discutir com o Carlos o fabrico de farinha, no que se dizia perito, e por esse facto azedou-se a discussão por o Ribeiro não consentir que o Carlos lhe fizesse qualquer objecção, visto que, em seu entender, ele era um leigo no assunto.

A discussão foi a mais, houve trocas de palavra e, por fim, envolveram-se em desordem, saindo dela gravemente ferido com uma facada no ventre João Ribeiro, que caiu no solo banhado em sangue.

O Bernardo, que se encontrava perto conversando com outros individuos, vendo seu irmão cair por terra, avançou para o faquista na intenção de o castigar, mas teve a mesma sorte do irmão, pois que o Carlos, armado ainda com a navalha, entorrou-lhe a também no ventre, provocando-lhe a saída dos intestinos.

Enquanto o agressor se evadia em direcção à freguesia da Roíça, eram os feridos socorridos e transportados para casa de seus pais, onde o João Ribeiro faleceu momentos depois.

Como naquela localidade não houvesse o indispensável para socorrer o outro ferido, foi este transportado para o hospital de S. José, onde faleceu também.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Deste Sindicato receberam a comunicação seguinte:

«Aos contra-mestres, marinheiros e moços:—A Comissão de demarches vem por este meio dar o toque de alarme, gritando-vos bem alto para que todos, sem excepção, embarcados ou não, em navios de vela ou a vapor, estejam alerta contra o que alguns officiaes pretendem fazer aos nossos camaradas de longo curso, protelando assim os nossos interesses morais e materiais, com o fim unico de nos provocar, levando-nos, talvez, a manifestarmos-nos por uma greve, a qual, embora para ella preparados, não desejamos, por termos sido atendidos e estarmos esperancados em continuar a sê-lo, nalgumas das nossas reclamações, como é já do conhecimento de todos, sentindo-se já um pouco os seus benefícios. Continuamos, portanto, a aguardar as resoluções do ministro da marinha e bem assim da Liga dos Officiaes o complemento das nossas reclamações. Congratulamo-nos com a acção praticada pelos T. M. E. Companhia Nacional da Navegação, Empresa Insulana e alguns poucos armadores. Portanto, estejam todos atentos às determinações nossas, conservando-se sempre unidos, porque dessa uniao ganharemos a força. A todos que estejam desembarcados prevenimos que venham à sede inscrever-se na escala para embarque.—A Comissão de demarches.»

FACTOS DIVERSOS

Numa das dependências da Repartição Central de Fiscalização e Policia Hospitalar, no hospital de S. José, effectou-se ontem uma festa de homenagem ao fiscal galego, sr. José Simões, completando o 1.º anno de efectivo serviço, tendo sido lida uma mensagem pelo sr. Lourenço da Costa, de transpor o Tejo, cá para esta lado.

Desjovamos que o sr. Simões, comovido, mostrou de sinuato de que foi alvo.

«Mas, para provar que temos razão em não achar bem mercedos os elogios feitos àquella autoridade, somos a dizer o seguinte: «Fomos informados que o sr. ex.º autorizou o proprietário do Restaurante Caliz a estabelecer o jogo de patota na sua casa. Será isto verdade? Poderá isto ser assumido como uma informação que temos, cremos ser verdade.»

Neste caso cumpre-nos perguntar se a lei que proibe o jogo, não teve tempo algum de transpor o Tejo, cá para esta lado.

Desjovamos que o sr. Simões, comovido, mostrou de sinuato de que foi alvo.

A BATALHA

A introdução de máquinas para a industria de cortumes

Uma aclaração

Da Federação da Industria de Calçados, Couros e Peles recebemos a seguinte nota:

Tendo este organismo conhecimento, por A Batalha de 15 do corrente, que o Sindicato Unico Metalúrgico tinha apresentado uma parte do extracção da reunião do nosso conselho federal, publicado em A Batalha de quinta-feira, 11, que se refere às considerações feitas por um delegado da indústria de cortumes para o desenvolvimento da industria de cortumes, vem esta Federação esclarecer que as considerações feitas pelo referido delegado foram baseadas no facto de muitas máquinas serem necessárias áquella industria cujo funcionamento se desconhece, pelo facto de em Portugal não existir nenhuma, pois se nos países onde a industria de cortumes está completamente desenvolvida, como seja a America do Norte e a Alemanha, as empregam.

Contudo referidos considerações foram feitas de apreciação por vários delegados, tomando-se a resolução final de inquirir do organismo de cortumes sobre o que é indispensável para o desenvolvimento da industria, tanto em maquinaria como em produtos químicos, e esta Federação, de posse destes elementos, extravasou a Federação Metalúrgica para saber se a sua industria está habilitada a fabricar as máquinas que forem necessárias ao desenvolvimento de cortumes.

Com esta aclaração cremos ter posto no verdadeiro estado de um caso que só uma noticia incompleta poderia ter produzido mas impressões, pois este organismo está perfeitamente competido a dar a sua acção como organismo sindical revolucionário.

DESPORTOS

União Pedestrista Portuguesa

Continua despertando grande interesse a corrida de 12 quilómetros que a União Pedestrista Portuguesa leva a effecto no próximo dia 21, para a qual estão inscritos o seguintes clubes: Royal Foot-Ball Club, Carcavelinhos, Belenenses e o Club promotor. Os prémios, que constam de cinco artísticas medalhas, encontram-se em exposição no Salão Sport, rua do Ouro.

A inscrição fecha no dia 17, devendo os clubes concorrentes enviar um delegado à sede da União no dia 18, pelas 21 horas, a fim de se formar o jury e marcar a hora da partida.

A Direcção comunica aos seus inscritos, nova reunião no Estádio do Barreirense, que devem estar na estação do Terreiro do Paço, às 12 horas.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Foram sepultados no cemitério oriental, Manoel Maria, Maria Helena Barros Ferreira, um feto masculino, Luis Mousinho Henriques, e Maria José, José António da Encarnação Pardeilhas, Maria Joana de Sousa Aguiar, Maria Nunes, Joaquina da Ladeira Rocha, no cemitério ocidental, Francisco de Paula, e o pequeno Manuel Machado; no cemitério de Bemil, a Maria Cândida.

A BATALHA

Coimbra

9 DE AGOSTO

A organização operária

Em Coimbra está a organização operária atravessando um momento difícil, que a tempo não se soube ou não se quis evitar. A massa operária raras vezes corresponde ao sacrificio, já lá o termo, que se lhe exige, não contribuindo, quasi, para que a organização tivesse alguma vitalidade que era, em si mesma, a causa, muitas vezes, que a organização não conseguia fazer-se sempre tem caracterizado os militantes, de que os melhores resultados que ora se estão observando.

Em Coimbra nunca houve ideal: tem existido apenas profissionalismo, incompetência e desleixo.

Os militantes que tem estado à frente do operariado não tem sabido cumprir o seu dever. Entregues ao indifferentismo, deixaram a tratar aqueles assuntos que a vitalidade da organização era necessário que se tratassem.

A U. S. O. nunca tam mal cumpriu o seu dever. Deixando de lado o trabalho, não se deu a Coimbra vinha algum delegado de Lisboa. Já lá, deixava novamente de reunir, ainda que fosse para discutir o trabalho, e os mais urgentes e importantes, como os que actualmente preocupam o operariado organizado de todo o país.

Os militantes não tem culpa o operariado local, mas sim os seus delegados, os militantes que não indifferentismo criminoso deixaram que a organização tocasse tam baixo como a organização de Coimbra que há falta de ideal. Na figura de Foz chegou a fazer-se propaganda eleitoral nos sindicatos, como acontecem nos manipuladores de calçado, onde os militantes se entregam a uma gente, levando-a a urna com as suas listas.

Que miséria! Como tudo isto enoja!

Os sindicatos na rua

E' natural que o desleixo da U. S. O., que desce a todos os assuntos que se apresentam a acção do operariado, descurasse tam bem o eterno problema da sua sede e dos seus meios.

Quando em face da lei a União devia andar dois meses adiantada no seu pagamento, a União não podia dar.

No entanto todos os sindicatos tem pago em dia.

Que autoridade pode ter para se impor?

Não! Sobre este assunto voltáremos a dizer mais alguma coisa, porque é preciso que todos saibam quem são os cozeiros da organização.

Em face da negligência da União, os sindicatos tiveram um mandado de despejo.

O partido comunista

Parce-nos ter-se constituído em Coimbra um grupo de militantes comunistas, a quem esta formada por dois individuos, os quais estamos bem por certos, o partido não conhece, pois que, de contrario, preferia a ideia de um grupo de militantes comunistas por videirinhos e que além disto não dá mais nada.

O Alamo, a que com muita justiça se chama também o Alamo, veio a dar a luz com o órgão da secção do partido e onde o sr. H. Caetano de Sousa, de Lisboa, dá a sua assinalada e em muito poucas palavras.

Em Coimbra tudo está enojando!

Almada

12 de AGOSTO

Soma e... segue

Na nossa ultima correspondência dissemos que não achavamos bem mercedos os elogios que por diversas vezes tinhamos ouvido fazer ao sr. Parda administrador do distrito de Coimbra, segundo informações que temos, há um certo *demarche* que há dias vendeu uma porção de chouriço a um seu freguês, que depois de ter comprado o chouriço, mostrou a sua total e completa desconfiança, estragando-lhe a vida a comido. Foi-se este queixar áquella *demarche* e honrada comerciante, e este, para que o freguês não visse dar á lingua, julgou-lhe a importância da comido que se havia estragado, isto muito em segredo.

Há ainda outro que quando lhe morre queixar animal em casa por doente, como cabras, carneiros, etc., não se reia nada com o caso, segundo nos dizem. Estola os animais, e expõe-os á venda como se fossem animal em casa por doente. Vem a que esta alma tão caridosa que em tam pouca conta tem a saúde publica.

Para estes casos é que nós desejáramos que as autoridades locais, e os seus freguês, se voltassem ao assunto se os fiscaes não cumpriram os seus deveres, nestes casos.

A BATALHA

A introdução de máquinas para a industria de cortumes

Uma aclaração

Da Federação da Industria de Calçados, Couros e Peles recebemos a seguinte nota:

Tendo este organismo conhecimento, por A Batalha de 15 do corrente, que o Sindicato Unico Metalúrgico tinha apresentado uma parte do extracção da reunião do nosso conselho federal, publicado em A Batalha de quinta-feira, 11, que se refere às considerações feitas por um delegado da industria de cortumes para o desenvolvimento da industria de cortumes, vem esta Federação esclarecer que as considerações feitas pelo referido delegado foram baseadas no facto de muitas máquinas serem necessárias áquella industria cujo funcionamento se desconhece, pelo facto de em Portugal não existir nenhuma, pois se nos países onde a industria de cortumes está completamente desenvolvida, como seja a America do Norte e a Alemanha, as empregam.

Contudo referidos considerações foram feitas de apreciação por vários delegados, tomando-se a resolução final de inquirir do organismo de cortumes sobre o que é indispensável para o desenvolvimento da industria, tanto em maquinaria como em produtos químicos, e esta Federação, de posse destes elementos, extravasou a Federação Metalúrgica para saber se a sua industria está habilitada a fabricar as máquinas que forem necessárias ao desenvolvimento de cortumes.

Com esta aclaração cremos ter posto no verdadeiro estado de um caso que só uma noticia incompleta poderia ter produzido mas impressões, pois este organismo está perfeitamente competido a dar a sua acção como organismo sindical revolucionário.

DESPORTOS

União Pedestrista Portuguesa

Continua despertando grande interesse a corrida de 12 quilómetros que a União Pedestrista Portuguesa leva a effecto no próximo dia 21, para a qual estão inscritos o seguintes clubes: Royal Foot-Ball Club, Carcavelinhos, Belenenses e o Club promotor. Os prémios, que constam de cinco artísticas medalhas, encontram-se em exposição no Salão Sport, rua do Ouro.

A inscrição fecha no dia 17, devendo os clubes concorrentes enviar um delegado à sede da União no dia 18, pelas 21 horas, a fim de se formar o jury e marcar a hora da partida.

A Direcção comunica aos seus inscritos, nova reunião no Estádio do Barreirense, que devem estar na estação do Terreiro do Paço, às 12 horas.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Foram sepultados no cemitério oriental, Manoel Maria, Maria Helena Barros Ferreira, um feto masculino, Luis Mousinho Henriques, e Maria José, José António da Encarnação Pardeilhas, Maria Joana de Sousa Aguiar, Maria Nunes, Joaquina da Ladeira Rocha, no cemitério ocidental, Francisco de Paula, e o pequeno Manuel Machado; no cemitério de Bemil, a Maria Cândida.

A BATALHA

Coimbra

9 DE AGOSTO

A organização operária

Em Coimbra está a organização operária atravessando um momento difícil, que a tempo não se soube ou não se quis evitar. A massa operária raras vezes corresponde ao sacrificio, já lá o termo, que se lhe exige, não contribuindo, quasi, para que a organização tivesse alguma vitalidade que era, em si mesma, a causa, muitas vezes, que a organização não conseguia fazer-se sempre tem caracterizado os militantes, de que os melhores resultados que ora se estão observando.

Em Coimbra nunca houve ideal: tem existido apenas profissionalismo, incompetência e desleixo.

Os militantes que tem estado à frente do operariado não tem sabido cumprir o seu dever. Entregues ao indifferentismo, deixaram a tratar aqueles assuntos que a vitalidade da organização era necessário que se tratassem.

A U. S. O. nunca tam mal cumpriu o seu dever. Deixando de lado o trabalho, não se deu a Coimbra vinha algum delegado de Lisboa. Já lá, deixava novamente de reunir, ainda que fosse para discutir o trabalho, e os mais urgentes e importantes, como os que actualmente preocupam o operariado organizado de todo o país.

Os militantes não tem culpa o operariado local, mas sim os seus delegados, os militantes que não indifferentismo criminoso deixaram que a organização tocasse tam baixo como a organização de Coimbra que há falta de ideal. Na figura de Foz chegou a fazer-se propaganda eleitoral nos sindicatos, como acontecem nos manipuladores de calçado, onde os militantes se entregam a uma gente, levando-a a urna com as suas listas.

Que miséria! Como tudo isto enoja!

Os sindicatos na rua

E' natural que o desleixo da U. S. O., que desce a todos os assuntos que se apresentam a acção do operariado, descurasse tam bem o eterno problema da sua sede e dos seus meios.

Quando em face da lei a União devia andar dois meses adiantada no seu pagamento, a União não podia dar.

No entanto todos os sindicatos tem pago em dia.

Que autoridade pode ter para se impor?

Não! Sobre este assunto voltáremos a dizer mais alguma coisa, porque é preciso que todos saibam quem são os cozeiros da organização.

Em face da negligência da União, os sindicatos tiveram um mandado de despejo.

O partido comunista

Parce-nos ter-se constituído em Coimbra um grupo de militantes comunistas, a quem esta formada por dois individuos, os quais estamos bem por certos, o partido não conhece, pois que, de contrario, preferia a ideia de um grupo de militantes comunistas por videirinhos e que além disto não dá mais nada.

O Alamo, a que com muita justiça se chama também o Alamo, veio a dar a luz com o órgão da secção do partido e onde o sr. H. Caetano de Sousa, de Lisboa, dá a sua assinalada e em muito poucas palavras.

Em Coimbra tudo está enojando!

Almada

12 de AGOSTO

Soma e... segue

Na nossa ultima correspondência dissemos que não achavamos bem mercedos os elogios que por diversas vezes tinhamos ouvido fazer ao sr. Parda administrador do distrito de Coimbra, segundo informações que temos, há um certo *demarche* que há dias vendeu uma porção de chouriço a um seu freguês, que depois de ter comprado o chouriço, mostrou a sua total e completa desconfiança, estragando-lhe a vida a comido. Foi-se este queixar áquella *demarche* e honrada comerciante, e este, para que o freguês não visse dar á lingua, julgou-lhe a importância da comido que se havia estragado, isto muito em segredo.

Há ainda outro que quando lhe morre queixar animal em casa por doente, como cabras, carneiros, etc., não se reia nada com o caso, segundo nos dizem. Estola os animais, e expõe-os á venda como se fossem animal em casa por doente. Vem a que esta alma tão caridosa que em tam pouca conta tem a saúde publica.

Para estes casos é que nós desejáramos que as autoridades locais, e os seus freguês, se voltassem ao assunto se os fiscaes não cumpriram os seus deveres, nestes casos.

A perseguição aos anarquistas-sindicalistas

O que quer dizer na prática a ditadura do proletariado

As organizações sindicalistas-anarquistas russas enviaram a diversos jornais o seguinte documento mostrando a feroz perseguição a que estão sujeitos pelos bolchevistas. É cópia de uma carta que eles enviaram a Lênine e outros dirigentes responsáveis.

As organizações anarquistas são dissolvidas e os seus elementos presos e espancados

A V. I. Lenin, ao Comité Central Executivo dos Soviéticos Russos, ao Comité Central do Partido Comunista Russo, ao Conselho Central do Conselho Central das Unões Industriais Russas, ao Conselho Central do Trabalho Vermelho e Unões Industriais.

Cópias: ao Conselho das Comissões do Povo, ao Conselho de Moscú, aos Deputados dos Trabalhadores e Camponeses.

As organizações Anarco-Sindicalistas abaixo assinadas, depois de cuidadosamente terem apreciado a situação que se desenvolveu ultimamente em relação às perseguições dos anarquistas em Moscú, Petrogrado, Carcôvia, e outras cidades da Rússia e da Ucrânia, incluindo a supressão forçada das organizações anarquistas, clubes, publicações, etc., expressam por este meio o seu decidido e enérgico protesto contra esta impudente subjugação não só de toda a actividade de propagandaagitadora, mas até de todo o trabalho puramente intelectual feito pelas organizações Anarquistas.

A sistemática caça-a-homem, feita aos anarquistas em geral, e aos anarco-sindicalistas em particular, dando como resultado o terem encheido as prisões e as câmaras da Rússia Soviética com camaradas nossos, coincidiu inteiramente no tempo e no espírito com o discurso de Lênine feito no Décimo Congresso do Partido Comunista Russo. Nessa ocasião Lênine anunciou que a guerra mais implacável devia ser declarada contra os que ele designava «elementos Anarquistas pequenos burgueses», que, segundo ele, se estão desenvolvendo mesmo dentro do próprio Partido Comunista, devido às «tendências Anarco-Sindicalistas» da oposição dos Trabalhadores (1).

No próprio dia em que Lênine fez estas declarações, numerosos anarquistas foram presos por todo o país, sem a menor causa ou explicação. Nenhuma acusação foi apresentada contra os nossos camaradas presos, ainda que alguns tivessem já sofrido sentenças condenatórias, sem interrogatórios nem julgamento, mas com ausência sua. As condições do seu emprisionamento são excepcionalmente vis e brutais. Um dos presos, o camarada Maximov, depois de numerosos e vãos protestos contra as inacreditáveis condições anti-higiênicas em que foi forçado a permanecer na prisão de Tanka (2), foi levado a recorrer ao único meio a que podia recorrer e protestar—declarar a greve da fome, o que fez em 1 de Abril. Outro camarada, Yarchuk, só depois de

seis dias de prisão, foi logo de novo preso, sem nenhuma acusação contra ele, em qualquer das ocasiões.

Protesta-se contra a supressão brutal do movimento anarquista pelo governo bolchevista

A sistemática supressão de todos os trabalhos de imprensa e edições do grupo anarquista-sindicalista «Golos Trood» paralisa também toda a actividade do Comité de homenagem a Pedro Krapotkine, principalmente em edição das suas obras. Obstáculos sem fim, sobretudo, opostos aos trabalhos gerais desse Comité, assim como quando se propõem tratar do problema da habitação, ligações telefônicas, etc.

Estas insuportáveis táticas autocráticas do governo para com os anarquistas (indo até à confiscção das cores da sepultura de Krapotkine, oferecidas quando o seu funeral) são inquestionavelmente o resultado da política geral do governo, da repressão exclusivamente usada pelo Partido Comunista contra o Anarquismo, Sindicalismo e seus aderentes.

Este estado de coisas, em que os anarquistas são completamente privados da oportunidade dos seus trabalhos de propaganda, a ausência de quaisquer garantias, mesmo para os esforços puramente de cultura e de educação—tais como os de publicações, da organização do Museu Krapotkine, etc.—não podem ser repentinamente e deliberadamente destruídos, forçando-nos a levantar a voz para protestar enérgicamente contra a supressão brutal do movimento anarquista pelo governo bolchevista.

Aqui, na Rússia, a nossa voz é fraca. Está sufocada. A política do dominante Partido Comunista propõe destruir absolutamente toda a possibilidade ou esforço de propaganda e actividade anarquista. Os anarquistas na Rússia são assim forçados à condição de uma completa greve moral da fome, porque o governo dos Soviéticos nos está privando da possibilidade de executar os planos e projectos que esse mesmo governo recentemente se havia proposto auxiliar.

Compreendendo mais claro do que nunca a verdade do nosso ideal anarquista e a imperiosa necessidade da sua aplicação à vida, estamos convencidos de que o proletariado revolucionário mundial está conosco.

Pela Liga Anarco-Sindicalista: (Carimbo da organização)

A. Shapiro, secretário.

A. Tevethov, gerente editorial.

O governo bolchevista proíbe a propaganda puramente teórica

Segundo informação digna de confiança recebida por nós, alguns dos anarquistas presos estão sendo enviados para as prisões de Samara, bem longe das suas residências e dos amigos, e assim privados da pequena assistência da camaradagem que poderiam receber perto de casa. Outros camaradas foram forçados, pelas terríveis condições do seu aprisionamento, a declarar a greve da fome. Um deles, depois de fazer

greve durante doze dias, ficou perigosamente doente.

A violência física é também exercida na prisão sobre os nossos camaradas. A declaração de Lênine sobre a violência física exercida na prisão de Bootick, assinada por Lênine e oito camaradas e enviada ao Comité Executivo da Comissão Extraordinária de toda a Rússia, em 16 de Março, contém entre outras coisas a seguinte: «Em Março, o camarada Tikhon Kashirin foi brutalmente atacado e espancado na prisão do Departamento Especial da Comissão Extraordinária, pelo vosso agente Mago e seus auxiliares, na presença da guarda da prisão, Dookiss.»

Além das prisões em massa e da violência física empregada contra os nossos camaradas, o Governo está fazendo uma guerra sistemática contra o trabalho de educação de todas as outras organizações anarquistas. Foram encerrados muitos dos nossos clubes, assim como as dependências da casa editora «Golos Trood», do Anarquistas-Sindicalistas de Moscú.

Campagna idêntica de caça-a-homem teve lugar no dia 15 de Março, em Petrogrado. Numerosos anarquistas foram presos sem motivo, fechados os escritórios e tipografia da «Golos Trood», e presos os que ali trabalhavam. Nenhuma acusação foi proferida contra qualquer dos nossos camaradas presos, os quais se encontram ainda todos na prisão.

O Conselho dos Comissários do Povo está farto de coragem para publicar um relatório em resposta ao protesto do grupo Anarquista Sindicalista «Golos Trood», contra os estragos feitos nas suas oficinas editoras pelos agentes da Comissão Extraordinária. O Conselho «tirou os selos» da sede em Moscú, sem sequer avisar a organização interessada, passando busca a todas as dependências na ausência dos representantes do grupo. O pedido para «tirar os selos» nos escritórios e oficinas do «Golos Trood», em Petrogrado, ficou sem resultado.

Pela Confederação Russa dos Anarco-Sindicalistas: (Carimbo confidenciado pela Comissão Extraordinária).

S. Marcus, membro do Comité Executivo

Pela Liga de Propaganda Anarquista: (Carimbo)

Alexey Borovoy, secretário.

Concordando plenamente com este protesto:

ALEXANDRE BERKMAN

EMMA GOLDMAN

Moscú, 21 de Abril de 1921.

(1) Secção dentro do Partido Comunista que considera necessário e vital a transferência da direcção da produção e distribuição para as mãos da indústria. Por decisão do Décimo Congresso do Partido Comunista esta chamada Oposição de Trabalho foi dissolvida. A decisão declara que a propaganda dos princípios da Oposição do Trabalho é incompatível com a filiação no Partido. Veja-se também a conclusão do discurso de Lênine sobre o feiurismo do Comité Central do Partido, no Congresso acima mencionado.

(2) Encarceramento solitário numa cela húmida, sem cama, colchão, ou agasalho de qualquer espécie.

O Sindicato Unico da Indústria de Calçado, Curores e Peles tem desenvolvido toda a sua actividade no sentido de atenuar, tanto quanto se possa, a actual crise de trabalho que flagela, desde há dois meses aproximadamente, a indústria que representa, em especial na sapataria e tamancaria. Uma das primeiras medidas que aquele organismo unificativo e operário pôs em prática para obter a uma das mais consequências que essa crise estava a espalhar, foi a tenaz propaganda contra a diminuição no preço da mão de obra que alguns gananciosos industriais estavam a impor, fundamentando-se na oferta de braços e na fictícia descida do custo da vida. A primeira casa a proceder desta forma foi a fábrica A Portugal, que abateu em cada par de calçado de senhora, que dava para fora a manufatura, 1550—uma bagatela—tentando, passado mais algum tempo, reduzir mais a tabela.

Os proprietários de A Portugal, porém, um pouco assustados com a propaganda iniciada contra o egoísmo dos industriais e assustados com o estampano de uma bomba explosiva à porta das suas oficinas, resolveram reconsiderar e elevaram mais 1500 à tabela, isto é: só baixaram ao preço da mão de obra \$500!

No entanto, há todas as esperanças de, muito em breve, ser restabelecido o antigo preço da manufatura do dito calçado. Um factor importante que também contribuiu para o agravamento da crise, foi o governo ter sobrecarregado com o imposto de 2550 e \$500, todo o calçado, sujeito à exportação, respectivamente para as colónias e estrangeiro. Devido, porém, à acção do Sindicato e à intervenção da respectiva Federação de Indústria, acaba de ser o calçado isento de tal imposto.

A par da propaganda exercida no sentido de nenhum operário aceitar o abatimento no preço de mão de obra, para o que se realizaram reuniões nos diversos bairros onde o número de manufactores de calçado é muito numeroso, como em S. Vitor, Antas, Lomba, Eirinhas, Pontinha, Monte Pedral, etc., uma comissão delegada do Sindicato percorreu todos os industriais, a quem fez sentir o quanto era desumano reduzir o preço da mão de obra, longe de descer, cada vez sobre mais vertiginosamente, o que, acrescido com a falta de trabalho, torna a viver dos operários de dia para dia mais insustentável. Destas démarches, resultou a realização de uma reunião de industriais, à qual a respectiva comissão operária compareceu, sendo todos os presentes concordes em declarar que a diminuição que porventura se fizesse no preço da mão de obra, em nada influiria na solução da crise, e muito menos o consumidor seria beneficiado, comprometendo-se os que assistiram à reunião a só darem trabalho pelo preço da tabela.

Porém, um tal Nascimento, da rua de Santa Catarina, assambarcador de sola e cabedais, que era antes da guerra um mísero negociante de calçado, e que actualmente é um opulento comerciante de calçado, sola, formas, cabedais, etc., não satisfeito com os fabulosos lucros ilicitamente adquiridos, procura, por todas as formas, ainda as mais baixas e repelentes, conseguir forçar os industriais para que lhe forneçam o calçado mais barato, dizendo que tem um meio muito fácil—é abater o preço de mão de obra, pois como há crise os operários sujeitam-se ao abatimento.

Perante a atitude deste vampiro, lavra grande indignação entre a classe dos manufactores de calçado, estando esta na disposição de não se sujeitar a tanta descarada exploração, apesar de, em virtude da crise, estar a lutar com a mais atroz miséria.

Depois da explosão da bomba na fábrica Portugal, rebentou outra à porta do industrial Moraes, da rua da Murta, sendo presos 3 operários: José da Silva, António Celsa, de V. do Conde, e o camarada Américo Silva.

Depois de uma comissão se entender com o chefe da Polícia de Segurança, foram todos restituídos à liberdade, tendo um agente declarado à comissão que agora a P. S. era outra coisa, pois que houve tempo em que se fizeram prisões e perseguições acintosas, mas com o actual chefe isso terminara.

Os operários tamanqueiros, devido à crise, tem o trabalho reduzido a 2 e 3 dias por semana, havendo ainda um considerável número sem colocação.

Sindicato Unico dos Operários do Ramo de Alimentação do Porto

Conforme o convite feito pela imprensa, reuniram, quarta-feira finda, as Comissões Administrativas das Associações dos Empregados de Cafés, Hotéis e Restaurantes, Manipuladores de Farinhas, Manipuladores de pão e Operários Confeiteiros, a fim de se ocuparem sobre a

denação social actual.

E além disso, não condenares este homem, porque isso seria imoral, pois que—é preciso diz-lo—, quando tantos escrotes, tantos que ateniaram contra a fortuna pública, tantos negociantes célebres impuneemente, fazem ostentação por toda a parte das fortunas escandalosas que desde 1914 tem feito a custa da miséria de França, não é justo que seja enviado para a prisão um homem probo e desinteressado. E se a vossa família e os vossos amigos vos perguntarem, porque o absolveste, vos responder-lhe-ies:

«Absolvi-o, porque era justo, e porque não me consideraria mais um homem honrado, se, por qualquer razão, praticasse uma acção, que contivesse uma parcela mínima de injustiça!»

O discurso de Coen

«E' a Boris Suvarine que tenho a honra de defender neste tribunal—começou António Coen—e aos elogios que se tem feito à sua inteligência, não quero que se esqueçam as suas qualidades de coração.»

Em seguida chamou a atenção para a situação extraordinária do delegado.

«Não condenares Lorient, porque—desculpai-me—empregar esta expressão sojs burgueses, sabeis que um con-

fundação do Sindicato Unico dos Operários do Ramo de Alimentação. Todos os elementos preponderantes daquelas classes foram unânimes em reconhecer a necessidade da criação daquele organismo, atendendo ao momento histórico que se está atravessando e que reclama a mais completa união do operariado do escravizado.

Em consequência do exposto, ficou assente marcar-se uma nova reunião para a próxima quarta-feira, onde os delegados, munidos de plenos poderes, nomearão a comissão organizadora do Sindicato Unico referido.

Também foi apreciado o movimento dos empregados de cafés contra a gorjeta, sendo reconhecida a elevada significação do gesto, motivo porque foi deliberado, por todos os delegados das classes representadas, fazer a máxima propaganda contra a prática aviltante da gorjeta, para que a nobre aspiração da classe dos empregados dos cafés seja em breve uma facta.

A polícia do Porto, para arrancar confissões, usa o processo dos espantamentos—Traulândia... policial

A cidade do Porto está-se tornando uma terra de cafres, onde se não respeita ninguém. Ou há de ser a fobia política que, a altas horas da noite, faz levantar indivíduos da cama para depois, na rua, os espancar e assassinar, ou há de ser a própria polícia que, tendo obrigação de respeitar as leis, as despreza, arvorando-se em traulândia, espancando presos dentro das suas esquadras.

Há chefes, dizem, que de quando em vez manejam o seu cavalo marinho. Ontem, vieram-me apresentar as suas qualidades, para que as publique em A Batalha, que a lêm, os jovens Angiolino Maia e Modesto Tavares, narrando barbaridades policíacas. Do mando do sr. Júlio Cantins, esse mesmo a quem lhe querem surripiar uma fortuna, herança forçada de seu pai, o falecido visconde de Cantins, e devido ao que há anos corre questão nos tribunais—aqueles dois jovens foram à Reguenga—à quinta de Cantins, onde habita a irmã daquele senhor. Trata-se dum simples sequestrador. A sr.ª Júlia Cantins, querendo apresentar o seu irmão como um pouco de fruta, muito naturalmente encheu um saco, para que os dois jovens o trouxessem, o que fizeram. Como não iam casualmente vestidos, na rua de Costa Cabral, um tal cabo lavares fez conduzir os dois portadores à 6.ª esquadra, julgando tratar-se de ratoneiros. Era de prever que lá hido se esclarecesse e fosse embora os importunados. Mas não. Apesar dos deitidos explicarem duas, três e quatro vezes a proveniência da fruta e até de confessarem o motivo porque foram à Reguenga, os polícias não se deram por satisfeitos: querendo a viva força, os dois jovens se declararam gratos e dissesem ser roubada a fruta, o chefe da 6.ª esquadra, que, ao que parece, é uma bela prenda, espancou estupidamente os dois rapazes, primeiro com uma régua, que logo se partiu, depois com o espadagão, num nervosismo de pantera. Moral da façanha? E' que a esquadra... de polician-tes queria, certamente, ficar com a fruta, que diziam ser magnífica. Como os jovens não consentiram estiverem em riscos de ir para a morgue, com que ameaçaram os traulandios. Depois... sempre os deixaram ir em paz, com a fruta e o espantamento...

A primeira vista parece que isto não tem importância. Mas tem; tem, porque se está tornando um caso frequente na polícia desta cidade, que, insolente, invulgar, malcriada, a propósito e a despropósito de nada, chanfala na rua, na esquadra, em toda a parte. E contra este regime de traulândia policíaca é necessário que todas as consciências se voltem, fazendo-se, para os traulandios civis e policiaes republicanos, o mesmo que se fez para os civis e policiaes monárquicos. O que no fundo todos eles são é monárquicos... pelo menos nos processos...—C.

Recomendamos aos nossos leitores esta casa por ser onde se encontra calçado em melhores condições.

VIDA POLITICA

Partido Comunista—Na sua sessão de anteontem, a Junta Nacional deste organismo assentou na convocação para amanhã às 21 horas de uma reunião plenária dos corpos directivos, a fim de lhes serem submetidos os trabalhos já iniciados para a breve realização de uma série de sessões de propaganda comunista.

Na aludida reunião plenária será também tratada a sua próxima do orgão partidário na imprensa, devendo ficar fixada a constituição do seu corpo redactorial e de administração.

Foi ainda apreciado e unanimemente acordado o relatório verbal apresentado pelos delegados do Partido, que recentemente foram a Évora em missão de propaganda e de organizar ali um centro comunista.

que sendo ao mesmo tempo representante do governo para acusar e da lei para a fazer aplicar, acumulava as funções de juiz e de parte. Continuando, disse: «Infelizmente—é a Guizot que eu invoco em apoio da minha tese, Guizot que foi um homem de governo e um historiador diz: «Quando um governo é incapaz de governar uma sociedade, tenta puni-la.» Desde que a política penetra no recinto dos tribunais, é preciso que a justiça julgue. Então, diz Guizot, ver-se-ão as leis sofrerem uma extensão contrária aos seus termos, então as suas indicações serão, por assim dizer, obrigadas a abrir-se, e a admitirem aquilo que não continham.»

Torturar os textos para que os textos torturem os homens

Foi para este fim que vos convidaram, senhores jurados, pois que durante todo este processo não temos assistido senão a tentativas do senhor delegado para «torturar os textos», a fim de que eles torturem os homens.

Coen recordou então que a lei cuja aplicação se pedia contra os acusados tinha sido feita para defender o regime

O exército de Macno

Um acordo firmado pelos bolchevistas com o «bandido» que prova irrefutavelmente o papel revolucionário do seu exército

Como dissemos, em 1920, foi Macno obrigado a lutar ao mesmo tempo contra Wrangel e contra os bolchevistas. Estes últimos enviaram contra ele forças importantes, mas sem sucesso. A situação tornou-se bastante penosa para os dois partidos, e os bolchevistas, tendo sido muitas vezes batidos pelas tropas de Wrangel e também pelos lacos, fizeram um acordo com Macno, cujas condições prometemos publicar, o que passamos a fazer:

Convenções dum entendimento preliminar sobre a questão militar entre o governo dos soviéticos da república da Ucrânia e o exército revolucionário dos voluntários da Ucrânia (Macnovist):

1.º O exército revolucionário devolutários (Macnovist) faz parte da força armada da república, como exército de voluntários, subordinado para as operações ao comando superior do exército vermelho. Interiormente, ele conserva a sua organização previamente estabelecida, sem adoptar as bases e os princípios de organização dos efectivos regulares do exército vermelho;

2.º O exército revolucionário dos Macnovist, passando pelo território dos soviéticos, ao longo da frente, ou através das diversas frentes, não aceita nas suas filas elementos do exército vermelho, nem os desertores desta última;

Notas—Os efectivos do exército vermelho, assim como os soldados isolados, que se encontrarem na rectaguarda do exército de Wrangel com o exército revolucionário dos voluntários, e se juntarem a ele, devem abandoná-lo ao encontrarem de novo o exército vermelho.

Os voluntários (Macnovist), assim como a população do país que entrar nas suas filas, procederão do mesmo modo;

3.º Com o fim de aniquilar o inimigo comum—a guarda branca—o exército revolucionário dos voluntários da Ucrânia (Macnovist) põe as massas trabalhadoras que marcham com ele ao corrente do seu entendimento com o comando de exército vermelho e com o governo

dos soviéticos da Ucrânia.—E isso por meio de apelos convidando a população a cessar toda a acção hostil contra o poder dos soviéticos. Do mesmo modo, para conseguir o maior resultado possível, o governo dos soviéticos deve publicar imediatamente o tratado feito;

4.º As famílias dos soldados do exército revolucionário dos voluntários habitando o território da república dos soviéticos gozam dos mesmos direitos das dos soldados vermelhos, e receberão do governo dos soviéticos da Ucrânia os documentos que lhes permitam fazer valer os seus direitos.

Convenções dum entendimento preliminar sobre a questão política entre o governo dos soviéticos da Ucrânia e o exército revolucionário dos voluntários da Ucrânia (Macnovist):

1.º Libertação imediata e suspensão de todas as perseguições nos territórios da república dos soviéticos para todos os Macnovist e anarquistas, exceptuando os que conduzam uma luta armada contra o governo dos soviéticos.

2.º Agitação e propaganda inteiramente livres, tanto pela palavra como pela imprensa, para todos os Macnovist e anarquistas, das suas ideias e princípios (com aplicação da censura militar a questões de guerra). No que diz respeito a toda a espécie de publicações (edições de livros, jornais, etc.) os anarquistas e os Macnovist, reconhecidos pelo governo como organizações revolucionárias, disporão dos aparelhos técnicos do Estado dos soviéticos (estando submetidos às regras gerais da técnica das publicações).

3.º Livre participação nas eleições dos soviéticos; direito para os Macnovist e anarquistas de serem membros dos soviéticos; livre participação na organização do próximo V Congresso dos Soviéticos de toda a Ucrânia, que terá lugar no mês de Dezembro de 1920.

Acite pelo representantes das duas partes na reunião de 16 de Outubro de 1920.

Pelo governo dos soviéticos da Ucrânia—Bela Kun. Pelos Macnovist—Popof.

Navios de guerra

Vai passar a completo armamento o novo destróier Vanga, sendo nomeado seu comandante o capitão-tenente Carvalho Crato.

Nossos submarinos não vão fazer fabricar à Itália. Precisam de novos motores eléctricos visto que já tem de uso mais de quatro anos, quando a casa construtora garantiu a sua duração somente por 4 anos.

DOCENTES, ATENÇÃO!

A muitas pessoas causa estranheza que a sua que acompanhou triunfalmente o 606º e 914º por ocasião da sua descoberta e da sua ruidosa aparição, tenha ido diminuindo a pouco e pouco e cada vez mais numerosas sejam as pessoas desiludidas dos dois violentíssimos preparados. Ao mesmo tempo que este esfriamento substitui os entusiasmos da primeira hora, é notável ver a confiança serena com que os sifilíticos veem buscar ao Depurativo de força dupla de Luís Dias Amado, o alívio seguro e a cura garantida que só encontram neste maravilhoso específico.

Tal facto, que ao observador desprevenido ou superficial parece surpreendente, tem, no entanto, uma explicação fácil, porque repousa numa causa natural.

Efectivamente, ao passo que os dois compostos de arsénico, maravilhas químicas, realizadas pelo sábio Ehrlich matam o microbio da sífilis, deixando, no entanto, no organismo do doente os cadáveres do terrível Treponema Pallidum, o Depurativo, prodigioso tirado do laboratório da botânica, opera de uma maneira, digamos mais humana, por isso que não só mata o «Treponema» tal seguramente como os primeiros, mas, e essa é a sua inconfundível superioridade, limpa o sangue, purifica o organismo totalmente dos microscópicos inimigos que, mesmo mortos, causam geralmente as graves desordens, com que pavorosa frequência sobreveem as rápidas melhoras obtidas por qualquer dos «Salvarsans».

Eis, revelada a todos, a determinante do sucesso inabalável do único alívio da humanidade sofredora, o bálsamo celesté que é o

Depurativo força dupla de Luís Dias Amado

Que se vende unicamente na Farmácia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 89-101. Preço: 1 Frasco, 3\$00; 6 Frascos, 17\$00

encontra-se à venda em Paris na Rua Abbeville.

A BATALHA

imperial, e que portanto não podia ser aplicado naquele caso.

Depois passou a analisar os diversos pontos da acusação, fazendo ver a sua falta de base, pois que estar em comunhão de ideias não significa que se tenha um «complot» organizado.

Uma condenação não detoria o desenvolvimento da ideia

«Não está nas mãos dos pensadores isolados o perturbarem a marcha da história. Os dez homens que aqui estão atrás de mim, porque é bem difícil dissociá-los, ou são pensadores isolados (e eis-nos em face dum dilema terrível) ou então correspondem a um verdadeiro movimento social, e nesse caso nada poderá impedir, nem mesmo uma condenação, que as suas ideias se desenvolvessem e se espalhassem; no caso contrário, se não correspondem a um momento do espírito da colectividade e das massas e a uma condenação de nada servirá porque como os grãos de areia serão arrasados pela torrente. Ideias perseguidas porque não tem a vossa moral social? Para este fim, recordar-vos-ei que a

Promessas de políticos...

Uma «démarche» inútil da Federação Nacional das Cooperativas.

Em 4 de Julho findo, a direcção da Federação Nacional das Cooperativas, acompanhada de grande número de delegados, avistouse com o sr. ministro do Trabalho, junto do qual foram levados pelo administrador geral do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios, que havia tomado a iniciativa de redigir um projecto de lei de crédito ao cooperativismo nacional, fundamentando-se nas disposições da lei que aumentou a circulação fiduciária em duzentos mil contos. Declarou-se então o sr. ministro do Trabalho partidário dum decidido auxílio às cooperativas, e à sua Federação, prometendo avisar-se, sem demora, com o sr. presidente do ministério, e dar depois uma resposta. Como se tivesse passado mais de um mês sem se ter obtido qualquer resposta, a F. N. C. oficiou ao dr. sr. João Luís Ricardo, pedindo a sua intervenção junto do referido ministro, respondendo-lhe o tempo aquele funcionário dizendo, em resumo, o seguinte:

«Sobre o auxílio a prestar ao cooperativismo, tenho a honra de comunicar que sua ex.ª o ministro do trabalho aguarda a sua resposta de sua ex.ª o ministro das finanças sobre a forma de realizar esse auxílio».

E é assim que os governantes se apressam a conjurar a situação inflitiva em que se debatem as classe pobres; sem que, no entanto, sejam parcimoniosos em promessas...

Lamentável é que ainda haja quem acredite nas enganosas palavras dos políticos!

«PAVILHÃO AMERICANO»

Recomendamos aos nossos leitores esta casa por ser onde se encontra calçado mais barato.

Dr. Afonso Manaças

Sífilis, Coração e Pulmões. Clínica geral e de Ortopedia. Todos os dias (18 horas). CLASSES POBRES.

Rua do Amparo, 82, 1.º. Tel.: Central 2688.

A CLASSE OPERÁRIA

Ninguém deve mandar coctetar ou tingir chapéus sem primeiro verificar os preços verdadeiramente económicos que se fazem na oficina de chapéus

A LISBONENSE

21-Rua da Oliveira ao Carmo—23

Horário de trabalho

Na construção da estação do caminho de ferro de Monção, obriga-se os operários a trabalhar 10 horas

Comunica-nos o S. U. da Construção Civil de Famalicão que o engenheiro sr. S. Fernandes, que dirige os trabalhos da construção da estação do caminho de ferro de Monção, impôs aos operários que ali se empregam o horário de 10 horas. Estes protestaram enérgicamente contra tal facto, reclamando guias ao mesmo engenheiro para se retirarem para Famalicão, de onde são naturais.

O engenheiro negou-se a passar as guias, dizendo aos operários que se fossem queixar à autoridade. O pessoal dirigiu-se ao administrador daquele concelho, expondo-lhe o que se passava. Esta autoridade, reconhecendo a justiça que assistia aos operários, mandou chamar o engenheiro, havendo larga discussão, finda a qual o administrador disse que passaria as guias no caso do engenheiro se negar a isso.

O engenheiro, porém, respondeu que não as passava, pois não lhe convinha que o pessoal se retirasse, prometendo que o atenderia.

Veremos o procedimento do engenheiro sr. S. Fernandes.

Horas suplementares

Chegou ao conhecimento da secção profissional dos estudantes, do S. U. da Construção Civil, que nas obras do

empregado João Baptista Bacelar, tanto em Lisboa como em Santo Amaro de Oeiras, se trabalham horas suplementares. Lastima aquela secção que esquecesse dos seus princípios emancipadores, que tanto apregoou, já numa obra do mesmo senhor, foi obrigado um estudante a abandonar o trabalho por não querer sujeitar-se às horas suplementares que este novo explorador queria que ele fizesse.

UNIVERSIDADES, ACADEMIAS E ESCOLAS

Escola Industrial de Fonseca Beneditos—Terminam amanhã as festas que a Liga de Instrução e Educação desta Escola tem promovido para comemorar o 4.º aniversário da sua fundação.

A 19 horas começará a seran dramático-musical, organizado pelo 2.º distrito e comitês amadores Arménio de Sousa e Nogueira Feio.

Haverá ainda outras diversas, querermos e todas, cujo produto reverterá a favor do cofre de beneficência daquela Liga.

Novos rápidos entre Lisboa e Porto

Devido ao aumento de concorrência de passageiros que costuma dar-se no fim do outono e princípio de Setembro, os comboios da linha do norte, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu pôr em circulação, desde 25 do corrente até 5 de Setembro próximo, um comboio rápido diário para Porto partindo de Lisboa às 17.30 e outro rápido, também diário, do Porto para Lisboa, partindo dali às 8.05 e desde 26 do corrente até 6 de Setembro próximo.

Desta forma e durante o período indicado circularão diariamente



Linha Regular entre a Metrópole e Colônias Portuguesas

Vapor ZAIRE

Sairá em 31 do corrente para S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Louanda, S. Nicolau, Cuito, Eglo, E. Valba, Ambrizete, Quissanga, Eoma, Niqui, Matadi, Landana, Mucula e Mussera com transbordo em Louanda; Novo Redondo, Lobito Benguela, Mossamedes, P. Alexandre, e B. dos Tigres.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escriptórios.

— DA —

Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 35
NO PORTO: R. da Nova Alfândega, 84

A BATALHA vende-se em
Lisboa Paris na rua
Abbeville,